

PECUÁRIA

A carne do Pampa em alta no mundo

Produção aliada à
conservação do bioma
facilita a abertura
de novos mercados

Eduardo Torres

Nos 1,6 mil hectares da Estância Santa Branca, em Bagé, foram 127 espécies de aves mapeadas – o maior volume entre 16 propriedades visitadas no Pampa Gaúcho – no levantamento mais recente realizado pela Alianza del Pastizal. É um movimento que une produtores de gado no Pampa dedicados à valorização da carne gaúcha produzida com conservação do bioma e sustentabilidade plena, e que pesa decisivamente na abertura de novos mercados a um dos produtos mais nobres da economia entre a Campanha, Fronteira Oeste, Sul e Centro-Sul.

Com as dificuldades climáticas na produção de grãos, finalmente, depois de 20 anos do reconhecimento da identificação geográfica da produção de carne bovina do Pampa Gaúcho, o produto resultante de pelo menos 1,2 milhão de hectares, entre 11 municípios cadastrados pela Associação dos Produtores de Carne do Pampa Gaúcho da Campanha Meridional (Apropampa) assume papel de protagonismo na geração de valores

para a economia local. Desde o produtor até os frigoríficos.

Entre os oito municípios da macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico presentes entre os 50 principais municípios exportadores gaúchos no primeiro trimestre de 2026, cinco têm a carne bovina ou mesmo os bois vivos como principal produto exportado. Em Alegrete, por exemplo, onde opera o gigante Minerva Foods, com capacidade de abate de até 800 animais por dia, a alta nas exportações de carne bovina nos três primeiros meses do ano em relação ao mesmo período de 2025 chega a 894,8%. Em Bagé, onde há outra unidade do grupo internacional de frigoríficos, abatendo até 680 bovinos diariamente, a variação chegou a 314,7% no período.

“Os mercados mais exigentes, como o europeu, por exemplo, buscam por rastreabilidade e produção sustentável. Quando se fala em Brasil, logo pensam na preocupação com a produção de gado livre de desmatamento na Amazônia. Pois aqui, no bioma Pampa, temos uma produção em campo nativo, sem derrubar uma árvore e ainda criando o ambiente propício para o reequilíbrio ambiental, como vemos no levantamento de aves nas propriedades. Garantimos aqui um sistema integrado e sustentável com o bioma, e é

impossível falarmos do resultado, da qualidade da carne gaúcha, sem falarmos da importância desse bioma. Finalmente o mercado está abrindo os olhos para os nossos diferenciais, mas ainda precisamos vender melhor essa nossa imagem diferenciada”, avalia o proprietário da Estância Santa Branca, Eduardo Botelho.

Ele faz parte da sexta geração da família produtora de gado em Bagé, onde se concentra o oitavo maior rebanho gaúcho, com 237,4 mil bovinos em 2024. Ali ele faz o desenvolvimento genético do gado e garante todas as etapas do desenvolvimento do animal até o abate. Da cria ao desmame, à recria e à terminação. Na propriedade que é dedicada exclusivamente à produção de animais, garantir a cadeia completa foi a forma de ter segurança em um mercado sempre tão variável.

“A margem para o produtor nunca foi muito grande, mas o momento que vivemos é de alta. Existe uma demanda em alta no mundo todo, na China, por exemplo, quase dobrou o consumo de carne bovina. Tendo todas as etapas do desenvolvimento do gado, conseguimos negociar com o mercado, seja para outros terminadores, criadores ou para o abate”, explica Botelho.

Os diferenciais do que sai dessa produção, segundo Eduardo Botelho,

estão especialmente no manejo próprio do Pampa. São desenvolvidas as raças Hereford e Red Angus, as chamadas britânicas, que se adaptam melhor ao ambiente da região. A base forrageira é garantida pelo campo nativo e pastagens de suporte. O equilíbrio é garantido com a rotação dos campos. Ou seja, o gado nesta propriedade sempre come a folha do pasto nativo, sem depender de insumos.

Um modo de produzir que agora é reconhecido em valor agregado

na última etapa da cadeia produtiva, ganha mercados e valorização do selo de carne nobre para a produção no Pampa Gaúcho. Frigoríficos como o Campeiro, em Rosário do Sul, utilizam o selo da Alianza del Pastizal; o Silva, exportador em Santa Maria, e o Coqueiro, em São Lourenço do Sul, valorizam o IG do Bioma Pampa Gaúcho. E a Minerva agora inclui na sua linha “Las Lilas”, que já havia implantado no Uruguai e Argentina, as carnes nobres do Rio Grande do Sul.

Parceria Alianza e BRDE para
preservação do Bioma Pampa

Em tempos de mudanças climáticas que impõem, cada vez mais, a necessidade de se praticar uma agricultura regenerativa e resiliente, o projeto Alianza del Pastizal completa 20 anos comprovando que é possível produzir conservando toda a diversidade do campo. Para tal, desenvolve uma parceria com o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) que já soma R\$ 6,1 milhões em financiamentos para preservação do Bioma Pampa. Os recursos já contratados, ou em fase final de liberação, vão permitir a conservação

direta de 3.136 hectares de campos nativos. As propriedades atendidas estão em municípios como Lavras do Sul, Dom Pedrito, Alegrete, São Gabriel, Uruguiana e Santana do Livramento que juntas somam mais de 10 mil hectares, com predominância de áreas cobertas por vegetação campestre nativa. A celebração dos 20 anos da Alianza será um dos destaques do XVI Encuentro de Ganaderos de Pastizales Naturales del Cono Sur, nos dias 19 e 20 de junho de 2026, em Santana do Livramento.

Valorização impulsiona a retomada dos rebanhos de ovelhas no Rio Grande do Sul

Se a fase no Rio Grande do Sul é boa para a produção de gado, a oportunidade também se abre para a retomada de outra tradição no Pampa: a produção de ovinos. O momento é de retomada dos rebanhos na macrorregião retratada neste recorte do Estado.

“É uma questão de mercado, é ele que decide. E no momento, vemos que tem um mercado ávido e remunerando bem pela carne ovina e também pela lã. Diferentemente de outras épocas, a tendência agora é de alta de consumo para os próximos anos, então, o movimento é contrário ao que aconteceu por um período, quando os rebanhos deixavam de ser prioridade para ceder áreas para as lavouras”, conta o presidente da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (Arco), Edemundo Gressler.

A estimativa é de que o rebanho ovino gaúcho gire em torno de 3 milhões de animais, um volume que não tem se alterado nos últimos anos. O momento agora, porém, é justamente de crescimento do volume de ovelhas. A expectativa é de que, em um ano (período de desenvolvimento das crias), já seja possível dimensionar o



Desafio do setor de ovinos é desenvolver a cadeia para a exportação

crescimento nos campos e, principalmente, nas gôndolas.

Para que se tenha uma ideia da valorização deste produto, há pouco mais de um ano, o quilo do cordeiro vivo era vendido a R\$ 9. Hoje, já está em R\$ 14. O que é produzido nos campos do Pampa abastece o mercado gaúcho e do restante do Brasil. Hoje, conforme a associação, o Brasil consome em média só 700 gramas de carne ovina por habitante a cada ano.

“O consumo ainda é muito baixo e isso mostra que temos muito

campo a crescer. Estamos otimistas, mas com os pés no chão. Temos a consciência de que a criação de ovelhas é fundamental nas pequenas e médias propriedades, e o produtor tem entendido que ela não concorre com a lavoura de soja, por exemplo. A produção integrada, com o uso da pastagem deixada pela soja ou pelo arroz para as ovelhas, gera ganhos também no controle de pragas e no manejo mais adequado do solo”, explica Gressler.

A partir do bom momento, o

desafio do setor agora é desenvolver a cadeia produtiva da porteira para fora. Se no setor bovino os frigoríficos têm se aproximado e valorizado a qualidade da carne gaúcha, essa cadeia ainda não está desenvolvida para os cortes ovinos. Segundo o dirigente, fica no Rio Grande do Sul o maior desses frigoríficos especializados nos cortes de cordeiro, mas na Região Metropolitana. Por isso, a Arco tem desenvolvido a ideia de criar consórcios intermunicipais para fortalecer redes de frigoríficos pequenos.

“O crescimento do setor requer uma indústria também forte, assim como tem fortalecido, por exemplo, o número de confinadores, que preparam para o abate. É uma questão de aprimoramento da logística, que resultará em maior capacidade de atendermos ao aumento da demanda no mercado”, comenta.

E há ainda o mercado da lã, produto valorizado internacionalmente, mas, com a limitação da cadeia produtiva, ainda não gera o valor agregado que poderia render ao Estado. O Rio Grande do Sul produz quase 100% da lã a partir de ovinos no País, mas só

25% do que sai do campo é processado pela indústria brasileira. O mercado uruguaio, especialmente, acaba absorvendo a maior parte da tosquia. Dados do IBGE apontam que Santana do Livramento concentra a produção de lã mais valorizada no Estado, gerando, em 2024, R\$ 6,1 milhões, quase o dobro dos R\$ 3,5 milhões de Alegrete, o segundo maior produtor.

O uso da lã vai além do setor têxtil, sendo valorizado no setor de máquinas industriais e climatizadores, por exemplo. “A fibra das raças que produzimos no Rio Grande do Sul tem maior valor agregado, como lã nobre, especialmente no setor têxtil. No mercado internacional, essa fibra natural é muito pedida, representa maior sustentabilidade em relação à produção a partir do petróleo. É uma oportunidade que o produtor tem valorizado”, avalia Edemundo Gressler.

Anualmente, o rebanho gaúcho proporciona até 8 milhões de quilos de lã ao mercado. A maior parte hoje é concentrada em cooperativas, que fazem a limpeza, o primeiro processamento e o enfardamento da lã para a exportação.